

“Ouve, meu povo, deixa-me falar” (Sl 50,7)

“Listen, my people, let me speak” (Sl 50:7)

Tarlei Navarro

Resumo

Este artigo apresenta uma breve análise teológica sobre a violência e a paz e propõe refletir sobre o incentivo da violência tão propagado em nossos dias, tanto por educadores, empresários, religiosos como por políticos, militares e tantas outras lideranças de quem se esperava um estímulo pela paz, em favor da vida. Vale a pena observar a questão por diversos ângulos e perceber o quanto as Sagradas Escrituras promovem o amor, a paz e a vida e nos impulsionam no anúncio da boa notícia. Importante ressaltar que essa paz não é ausência de batalhas, conflitos, dificuldades, problemas, mas esta paz é a plenitude do *Shalom* de Deus em meio a tanta agressividade promovida pela cultura de morte. Não podemos nos render diante da forte pressão produzida por esta mentalidade que cresce assustadoramente, que relativiza a vida, que é dom precioso do amor de Deus, e que descarta o próximo em nome de interesses pessoais. A luta pela paz, além de ser um esforço determinante para as relações humanas, para nós cristãos, trata-se de zelar pelo essencial: a *imagem Dei* no ser humano. Violência não, pois só o Amor de Jesus nos basta.

Palavras-chave: Amor. Cristianismo. Paz. Testemunho. Violência.

Abstract

This article presents a brief theological analysis on violence and peace, and proposes to reflect the encouragement of violence so widespread today, both by educators, businessmen, religious, politicians, military, and so many other leaders, from whom a stimulus was expected for peace, in favor of life. It is worthwhile to see from other angles, and to see how the Holy Scriptures

promote love, peace, and life and propel us in announcing the good news. It is important to emphasize that this peace is not the absence of battles, conflicts, difficulties, problems, but this peace is the fullness of the Shalom of God in the midst of so much aggressiveness promoted by the culture of death. We cannot surrender in the face of the strong pressure produced by this mentality that grows frighteningly, that relativizes life, which is a precious gift of God's love, and that discards others in the name of personal interests. The struggle for peace, in addition to being a decisive effort for human relations, for us Christians, is about taking care of the essential: the *imago Dei* in the human being. No violence, because only the Love of Jesus is enough for us.

Keywords: Love. Christianity. Peace. Testimony. Violence.

Introdução

É sabido que a violência está ao nosso redor e que nós, cristãos, conhecidos como “pessoas de bem”, também podemos ter culpa de sua existência, até mesmo por não confrontá-la com o bem que mora dentro de nós no qual dizemos acreditar. Por outro lado, não é possível afirmar que estamos cientes de que muitas pessoas de bem também perdem suas vidas em meio a este caos, que muitos inocentes são engolidos por este sistema sangrento, o que realmente nos causa pavor, pois a morte gerada por violência sempre é causa de dor e repugnância. Evidentemente, é preciso solidarizar com os enlutados que sofrem a perda de um familiar querido, mas é fato também que nós, que somos discípulos e discípulas de Jesus, não temos escolha diante desse mal chamado violência: ou nós acreditamos que o bem é possível, que o amor vence e demonstramos com a vida que este amor promove paz e salvação, ou nos aliamos ao mal, sendo tão monstruosos quanto os maus que criticamos.

Ratzinger dizia que “Deus não tem outros braços senão os nossos”¹ e isso está muito presente nos Evangelhos. Jesus conta conosco nesta missão valorosa da promoção da paz, de sermos construtores da paz, da paz que protege a vida² e só assim a violência poderá retroceder.

¹ RATZINGER, J., *A Igreja e a Nova Europa*, p. 17.

² O substantivo “vida” (em grego *zoé*) ocorre diversas vezes no Evangelho segundo João e na Primeira Carta de João (das 135 citações de *zoé* no Novo Testamento, 36 estão no Evangelho de João e 13 na Primeira Carta, ou seja, um percentual de 36% no NT). Sendo que no Evangelho, o substantivo “vida” é usado sozinho ou na expressão “vida eterna”. De fato, essa expressão “vida

Alguns podem dizer que isso é utopia, mas a força da Palavra de Deus é mais forte que qualquer batalha do mal. É esperado que alguns não concordem com essa proposta e que outros, mesmo sendo seguidores do Mestre de Nazaré, simplesmente ignorem este apelo e que estejam cientes que possuem o nosso respeito, mesmo que lutemos por caminhos diferenciados. Por outro lado, existe muita esperança ao nos depararmos com discípulos e discípulas de Jesus que acreditam na força transformadora da Palavra de Deus e levantam com força a bandeira da paz, da vida, desejosos de serem, neste mundo, os braços de Cristo e nos encorajam a continuar na busca esperançosa de construir um mundo de paz.

Dialogando com o tema deste artigo, há também de se abordar o texto da Paixão de Jesus do quarto Evangelho, no qual o Mestre aceita livremente a Cruz, entregando sua vida por amor e ensinando que seus discípulos não devem reproduzir violência.

1. A realidade de um mundo violento

Em nossos dias, constata-se que ocorre uma exaltação da violência por parte da sociedade e isso é justificado até como critério para se exercer a justiça. “É verdade que onde a justiça começa a vacilar, também a paz vacila. Mas também é lícito dizer que onde quer que a medida da justiça se faz duvidosa, sempre se gera mais violência”.³ Usa-se até mesmo da Palavra de Deus para justificar opiniões pessoais, muitas vezes fundamentadas em um retalho de versículos descontextualizados e, assim, o “Evangelho tem sido um instrumento para confirmar toda espécie de projetos humanos”.⁴ É digno de nota que essa forma de agir pode compactuar com a crueldade sangrenta e, lamentavelmente, colocar em risco muitas vidas humanas, o que jamais poderá ser considerado como prática sacrossanta.⁵ Haja vista que o tema da violência

eterna” indica uma qualidade diferente de vida, independente de se tratar de vida presente ou vida futura. O Evangelho propõe que se viva dessa maneira: uma vida em plenitude (Jo 10,10). Em João vida é também dom de Deus. Neste sentido ganha destaque na literatura joanina o verbo *gennáō*, que pode significar tanto “gerar” quanto “nascer” (No NT o verbo *gennáō* aparece 97 vezes, sendo 18 vezes somente no Evangelho de João e 10 vezes na sua Primeira Carta, ou seja, 29% do NT). Os filhos de Deus são aqueles que são gerados de Deus (Jo 1,13). Esses dados são significativos, pois detalham a preocupação com a vida na comunidade joanina, distanciando-se da violência, promotora da cultura de morte. MALZONI, C. V., Evangelho segundo João. p. 37-38.

³ RATZINGER, J., A Igreja e a Nova Europa, p. 31-32.

⁴ CANTALAMESSA, R., O mistério da palavra de Deus, p. 85.

⁵ RATZINGER, J., A Igreja e a Nova Europa, p. 32.

seja polêmico, não é possível deixar de refletir sobre esse mal⁶ que é publicado diariamente nos jornais, em páginas e mais páginas, às vezes até nos levando à indiferença. Evidentemente que essa guerra chamada violência pode estar próxima de nós, ou talvez muito distante, sendo que, de qualquer forma, pede aos cristãos uma urgente postura. Essa situação de agressividade é crescente e tenciona atingir diretamente o ser humano, sendo, portanto, uma afronta contra a imagem e semelhança do próprio Deus e, infelizmente, o desdobramento deste “filme de terror” desembocou assustadoramente nas religiões, opção sexual, raça, meio ambiente, animais, política, etc. Isso já não parece ser uma guerra velada, que nunca deixará de ser tão sangrenta quanto as guerras oficiais.

Atirar de volta é sempre pior do que parar o tiroteio antes que ele comece. Trabalhar preventivamente para barrar a violência é muito melhor do que consertar seus estragos! Carregar os caixões dos mortos e descer seus corpos nas sepultadoras por causa da violência injusta é uma dor que adoece a alma!⁷

A violência, portanto, constitui um desafio para toda a sociedade, pois, aliada à mentira, ela manipula consciências de maneira cruel e, se for preciso, mata. João Paulo II lembra-nos que “a violência é mentira, porque se opõe à verdade da nossa fé, à verdade da nossa humanidade. A violência destrói o que ambiciona defender: a dignidade, a vida e a liberdade dos seres humanos”.⁸ Portanto, o axioma “os fins justificam os meios” é expressão política máxima da negação de qualquer moralidade e da mensagem cristã.⁹

Além disso, tudo o que atenta contra a própria vida, como qualquer espécie de homicídio, o genocídio, o aborto, a eutanásia e o próprio suicídio voluntário, as mutilações, as torturas físicas ou morais e as tentativas de dominações psicológicas, enfim, tudo que ofende a dignidade humana, como as condições infra-humanas de vida, os encarceramentos arbitrários, as deportações, a escravidão, a prostituição, o mercado de mulheres e jovens e também as condições degradantes de trabalho, que reduzem os operários a meros instrumentos de lucro, sem

⁶ “Os animais ferozes não ferem tão gravemente quanto a maldade dos homens, pois o perigo que eles apresentam é manifesto; ao passo que os maus inoculam o seu veneno a cada dia, sem ruído e sem que percebamos, minando pouco a pouco a força da virtude”. JOÃO CRISÓSTOMO, O esplendor cristão, p. 126.

⁷ BARRO, J. H., O cristão, a violência e o uso de armas.

⁸ JOÃO PAULO II, PP., Homilia durante a viagem apostólica à Irlanda.

⁹ ADRIANO, J., A violência estrutural como causa próxima do sofrimento humano, p. 111.

respeitar-lhes a personalidade livre e responsável, todas essas práticas e outras semelhantes são efetivamente dignas de censura. Enquanto elas ferem a civilização humana, desonram mais os que se comportam desta maneira do que aqueles que padecem tais injúrias. E contradizem sobremaneira a honra do Criador.¹⁰

Nessa construção de uma sociedade violenta, todos os valores passam a ser relativizados, constrói-se um evangelho próprio e muito diferente daquele anunciado por Jesus, ao ponto de convencer pessoas boas a serem más, propagando ódio contra pessoas consideradas ruins, apontando vidas humanas que devem ser eliminadas, incentivando o uso de armas,¹¹ promovendo mentiras, divulgando o terrorismo, ameaçando de guerra, desfazendo dos pobres e, conseqüentemente, causando sérias divisões na sociedade. “O preço da violência nunca justificou o elevado custo de vidas humanas, mutilações e angústias, por isso, ela não subsiste, mas está intimamente associada à mentira. Ela encontra nela seu apoio, o sistema que elege a violência como meio, deve também elege-la como norma”.¹²

2. Amar sem medida

A esperança cristã é o amor de Deus: “Pois Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16). Assim, “o pensamento joanino está no seu mais

¹⁰ GS 284.

¹¹ A doutrina social propõe a meta de um desarmamento geral, equilibrado e controlado. O enorme aumento das armas representa uma ameaça grave para a estabilidade e a paz. A corrida aos armamentos não garante paz. (§ 508). Medidas apropriadas são necessárias para o controle da produção, venda, importação e exportação de armas leves e individuais, que facilitam muitas manifestações de violência (§ 511). A promoção da paz no mundo é parte integrante da missão com que a Igreja continua a obra redentora de Cristo sobre a terra. A Igreja de fato, é, em Cristo, "sacramento", ou seja, sinal e instrumento de paz no mundo e para o mundo. A promoção da verdadeira paz é uma expressão da fé cristã no amor que Deus nutre por cada ser humano. Dá fé libertadora no amor de Deus derivam uma nova visão de mundo e um novo modo de aproximar-se do outro, seja esse outro um indivíduo ou um povo inteiro: é uma fé que muda e renova a vida, inspirada pela paz que Cristo deixou aos seus discípulos (Jo 14,27). Movida unicamente por tal fé, a Igreja quer promover a unidade dos cristãos e uma fecunda colaboração com os crentes de outras religiões. As diferenças religiosas não podem e não devem constituir uma causa de conflito: a busca da paz por parte dos crentes é, antes, um forte fator de unidade entre os povos. (§516). PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”, Compêndio da doutrina social da Igreja, § 511; §516.

¹² ADRIANO, J., A violência estrutural como causa próxima do sofrimento humano, p. 107.

íntimo marcado pelo pensamento do amor”.¹³ Para o evangelista, somente o novo mandamento é capaz de romper com o mal e formar ideais construtores de paz: “Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos se tiverdes amor uns aos outros” (Jo 13,34).¹⁴ O cume do amor é a Paixão de Jesus que tem sua revelação e meta alcançada na cruz (Jo 13,1.32; 18,11). É o Jesus torturado que carrega sua cruz (Jo 19,11) e assim na cruz cumpre-se a Escritura (Jo 19,28) e é na cruz que o Encarnado diz: “Está consumado” (Jo 19,30). É também na cruz que o amor de Jesus pelos seus alcança plenitude, pois o caminho do revelador é alcançado na cruz.¹⁵

Desse modo, entende-se a bem-aventurança dos que choram (Mt 5,4), isto é, de quantos são capazes de sair de si mesmos porque se comoveram com o sofrimento alheio. O encontro com o outro e a abertura de coração às suas necessidades são ocasião de salvação e de bem-aventurança.¹⁶

Isso tudo fica claro no quarto Evangelho, tendo ainda como aspecto mais notável o modo como o evangelista fez a paixão iminente de Jesus estar presente em todo o texto joanino.¹⁷ Assim, a paixão de Jesus é revelada como concretização do seu amor, e o desvelamento do amor, a chave do cristianismo. “Esquecer este amor é perder-nos, entrar por caminhos não cristãos, deformando tudo e desvirtuando o cristianismo pela raiz”.¹⁸

Por outro lado, há possibilidades de não se permanecer no amor, pois quantas vezes a vida dos cristãos é tomada pelo medo, desconfiança, insegurança, violência,¹⁹ e isso possibilita entender a intrigante cena do quarto Evangelho, em que Jesus está diante dos inimigos e um de seus discípulos reage com violência contra um soldado. Recordemos a cena: “Então, Simão Pedro, que trazia uma espada, tirou-a, feriu o servo do Sumo Sacerdote, a quem decepou a orelha direita.

¹³ SCHNELLE, U., Teologia do Novo Testamento, p. 868.

¹⁴ João situa o mandamento do amor no contexto da partida de Jesus (Jo 13,34-35s). Sendo na despedida de Jesus situado o mandamento, fica evidente que o amor é a maneira da comunidade estar ligada ao seu Senhor. Assim o mandamento do amor toma centralidade na escola joanina e torna-se condição ética para todos os discípulos. SCHNELLE, U., Teologia do Novo Testamento, p. 953-954.

¹⁵ SCHNELLE, U., Teologia do Novo Testamento, p. 912-913.

¹⁶ BENTO XVI, PP., Quaresma e Páscoa, p. 100.

¹⁷ DUNN, J. D. G., Jesus, Paulo e os Evangelhos, p. 105.

¹⁸ PAGOLA, J. A., O caminho aberto por Jesus, p. 223.

¹⁹ PAGOLA, J. A., O caminho aberto por Jesus, p. 223.

O nome do servo era Malco. Jesus disse a Pedro: “Embainha a tua espada. Deixarei eu de beber o cálice que o Pai me deu?” (Jo 18,10-11).²⁰

Há uma coincidência total entre a vontade do Pai e a de Jesus. É aquele cálice que ele pediu para passar na sua oração “com gritos e lágrimas” (Hb 5,7), que agora é recebido como um presente do Pai: “Não beberei eu o cálice que meu Pai me deu?” (Jo 18,11). Pe. Benoit afirma com razão: João expressa de outra forma o que eles (= sinópticos) já diziam: Jesus cumpriu as Escrituras, se recusa a se defender, é senhor de seu destino.²¹

O biblista Beutler diz que, primeiramente, devemos recordar que a cena tem a forma de um apotegma biográfico, ou seja, há um determinado fato que desperta um dito de Jesus e, logo em seguida, termina a seção. Afirma que, na cena, há uma tentativa de Pedro de defender seu Senhor, pois Pedro apresenta-se com a arma na mão e, infelizmente, apresenta-se tão violento quanto a guarda romana que fora prender Jesus.²² Lembra-nos, também, que Pedro desviou-se do ideal do Mestre, pois o próprio Jesus diante de Pilatos declara que sua realeza não é deste mundo e é bem categórico ao afirmar que se sua realeza fosse deste mundo, os seus guardas lutariam para que Ele não fosse entregue aos judeus (Jo 18,36). É evidente que Jesus coloca como descartada a hipótese defendida por Pedro. Por outro lado, Beutler também menciona que Pedro aparece como aquele que pode expressar a fé em Jesus de modo representativo e que aceita a incumbência de Jesus, não aparecendo na redação final do quarto Evangelho como uma figura sombria (Jo 21,15-17).²³ Isso é provável, pois o objetivo do quarto Evangelho fora levar as pessoas à fé ou a crescer na fé em Jesus como Messias, o Filho de Deus, e mediante a fé, possuir a vida eterna em seu nome.²⁴

S. Ben-chorin comenta que estas palavras que Jesus dirige a Pedro (Jo 18,11) demonstram a aceitação daquele excedente indesejado, o último cálice de

²⁰ O cálice neste episódio está mostrando a Paixão de Jesus se aproximando, sendo vista não como castigo iminente, mas ao contrário como dom de seu Pai. SILVA, A. J., O que Jesus quer dizer em Jo 18,11?,

²¹ GARCÍA PEREZ, J. M., La pasión de Cristo, p. 69.

²² Todos os evangelhos mostram que o bando que prendeu Jesus entrega-o à corte/palácio do sumo sacerdote judeu a fim de ser interrogado por essa autoridade, um interrogatório que é acompanhado por relatos de maus-tratos/zombaria infligidos a Jesus. BROWN, R. E., Introdução ao Novo Testamento, p. 487.

²³ BEUTLER, J., Evangelho segundo João, p. 412-413.

²⁴ BROWN, R. E., Introdução ao Novo Testamento, p. 491.

sua última ceia do *Seder*. Agora é dito sim ao seu destino, um destino que é aceito como providência divina, que não será fácil, mas adquirirá um sentido total.²⁵

Tal fato demanda também uma análise já que se trata de violência provocada por um discípulo de Jesus, que carregava uma espada, estava armado e com ela feriu a orelha direita²⁶ de um servo do sumo sacerdote.²⁷ Nesta cena o apóstolo João informa ao leitor o nome do servo, Malco, que, em aramaico, significava rei. João não faz isso por acaso, pois nos trouxe algo acrescido, já que o nome Malco era um sinal de ostentação e poder, portanto o servo do sumo sacerdote era uma figura importante do sistema teocrático, do poder político e que está em mãos da hierarquia sacerdotal.²⁸

Nesse momento, provavelmente, Pedro acabava de confrontar-se com um problema, o poder Romano, mas Jesus é claro e categórico em não aceitar esse combate. Jesus confrontou-se com o sumo sacerdote, mas não com a força e nos confirma que não é este o meio para vencer o sistema homicida (Jo 8,44). A espada de Pedro está em paralelo com as armas dos que vão prender Jesus e é tão partidária da violência como eles (Jo 18,3), pois ambos lembram ódio e morte e que, assim, os discípulos necessitam ser mais bem lapidados em um amor semelhante ao dele.²⁹

Com o gesto de curar a orelha daquele que estava pronto para prendê-lo, Jesus reprova a atitude do apóstolo e mostra a todos nós que quem vive pela espada morre pela espada (Mt 26,52).³⁰ Assim, Jesus vencerá de outra forma, mostrando a glória do Pai e o seu amor sem limites pelos homens e não buscando a morte, mas oferecendo vida (Jo 4,48) e atraindo todos para si (Jo 12,32). Ele será realmente o rei de Israel, mas não de forma violenta e sim aceitando a vontade do Pai.³¹

²⁵ BEN-CHORIN, S., *Hermano Jesús*, p. 165.

²⁶ AZEVEDO, A. L. E., *A orelha direita de Malco com base no texto de João 18,10 e Levítico 8,24*, p. 8. Mateos e Barreto acrescentam que segundo a lei vigente na época, quem queria ser sacerdote não poderia ser gago, surdo ou ter qualquer defeito no corpo. Poderia até ter um problema na orelha esquerda, mas a direita tinha que estar em perfeito estado e complementam que a perícopes tem por pano de fundo as passagens de Ex 29,20; Lv 8,23, em que se prescreve e se executa a consagração de Aarão, o sumo sacerdote, e de seus filhos. Para consagra-los, eram untadas com sangue do animal do sacrifício várias partes do corpo, entre as quais o lóbulo da orelha direita. MATEOS, J.; BARRETO, J., *O Evangelho de São João*, p. 734.

²⁷ MALZONI, C. V., *Evangelho segundo João*, p. 275.

²⁸ MATEOS, J.; BARRETO, J., *O Evangelho de São João*, p. 735.

²⁹ MATEOS, J.; BARRETO, J., *O Evangelho de São João*, p. 742.

³⁰ AZEVEDO, A. L. E., *A orelha direita de Malco com base no texto de João 18,10 e Levítico 8,24*, p. 11.

³¹ MATEOS, J.; BARRETO, J., *O Evangelho de São João*, p. 735.

Mas Jesus vê o que está acontecendo na perspectiva de Deus: Ele reconhece isso como estabelecido pelo Pai. Sua prisão e condenação não se reduz a mera consequência da rejeição que as autoridades judaicas manifestaram quase desde o início de sua missão pública; nem a tentativa diabólica de anular o plano salvífico de Deus. O que domina nele é a presença do Pai e por isso adere à sua vontade com devoção filial.³²

Compreende-se assim que, mesmo ciente de que foi a paixão de Pedro que o moveu a desembainhar a espada para defendê-lo, Jesus lhe mostra que é preciso compreender que a traição e o sofrimento fazem parte do plano do Pai (Mt 16,21-23).³³ Portanto, é significativa a citação de João do “cálice” lembrando-nos do cálice de sofrimento que Jesus beberá na Cruz (Jo 18,11).³⁴

Nesse sentido, compreende-se que o reinado de Jesus é entregar-se por amor: “Na verdade, ele não será detido, mas se entrega, realizando o que já dissera: que ninguém toma a sua vida, pois ele a entrega livremente” (Jo 10,17-18).³⁵

Portanto, em sua palavra a Pedro, Jesus demonstra não compactuar com a violência. Isso está fundamentado no caminho que o Pai designou para Jesus. Lembremo-nos de que a palavra de Jesus remete à cena do Getsêmani nos evangelhos sinópticos (Mt 26,39.42 par.), em que Jesus reza para que o cálice passe dele, e depois assume a vontade do Pai. Por outro lado, em João, Jesus mostra a mesma disposição, porém, sem antes rezar para que o cálice passe dele. Tal fato só foi mencionado em Jo 12,27-28, que antecipa a cena do Getsêmani. Agora, no momento de sua prisão, Jesus aparece como Senhor da situação, disposto a aceitar a vontade do Pai. É importante destacar que os que leem esta cena vejam nessa palavra de Jesus um convite à fidelidade em todas as circunstâncias, mas principalmente uma chamada pela paz.³⁶

O chamado de Jesus é claro: “Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos uns aos outros” (Jo 13,34). É necessário refletir e, se preciso for, “ruminar” essas palavras, que nos desafiam a amar até aqueles que nos tratam mal, que nos difamam, caluniam e

³² GARCÍA PEREZ, J. M., *La pasión de Cristo*, p. 67-68.

³³ Pedro mostra-se partidário da luta armada, para a qual está preparado. Não entende Jesus nem o sentido da sua entrega. Não vê na sua morte o acontecimento salvador, a manifestação do amor de Deus que deseja comunicar vida ao homem. Não compreende que Jesus não pretende tomar o poder da instituição existente, mas apresentar, perante o ódio e a violência, a alternativa do amor. MATEOS, J.; BARRETO, J., *O Evangelho de São João*, p. 739.

³⁴ HAHN, S.; MITCH, C., *O evangelho de São João*, p. 94.

³⁵ MALZONI, C. V., *Evangelho segundo João*, p. 275.

³⁶ BEUTLER, J., *Evangelho segundo João*, p. 413.

roubam a nossa honra, e que, infelizmente, procuram prejudicar-nos. O exemplo desse modelo heroico é o próprio Senhor na Cruz e os discípulos que seguiram o mesmo caminho do Mestre. Jesus demonstra que Deus é puro amor, sem ódio, nem agressividade, e que não usa as armas do poder. Se quisermos segui-lo, só existe um caminho, que é renunciar a toda violência, a fim de fazer sobressair a qualidade do seu amor, se necessário for, dando a própria vida ou deixando que lha tirem.³⁷ Portanto, “esse amor a Jesus não reprime nem destrói nosso amor às pessoas. Ao contrário, é justamente esse amor que pode dar-lhe sua verdadeira profundidade, libertando-o da mentira”.³⁸

É uma chamada clara: “amar a Deus e ao próximo como a nós mesmos, melhor ainda, como Cristo nos amou, ou seja, amai-vos uns aos outros como eu vos amei, pois ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos” (Jo 15,12-13), e aqui está o pilar da vida do cristão, e que é, portanto, a expressão mais completa de amor, pois somos chamados também a entregar nossas vidas a Deus como fez Jesus na Cruz.³⁹ Nesse sentido, é importante ressaltar que a teologia joanina está permeada de variações e entrelaçamentos que, na verdade, são componentes que percorrem toda a obra e intencionam apresentar a teologia fundamental que se dá na revelação do amor de Deus em Jesus, mostrando que Deus ama sem limites e acentuando que só se permanece em Jesus quem estiver no amor.

3. O bem deve vencer o mal

Com um gesto nobre, Jesus cura a orelha daquele que o prenderia, restaurando, assim, seus objetivos de vida, outrora declarados como perdidos. Tal feito representa uma das inúmeras lições deixadas por Jesus em sua vida na terra, bem como mostra que seu exemplo é perfeito para ser seguido por todos nós.⁴⁰

Acreditar no Amor-misericordioso é escolher o bem. Crer no Filho crucificado significa ver o Pai, significa crer que o amor está presente no mundo e que este amor é mais forte do que toda espécie de mal em que o homem, a humanidade e o mundo estão envolvidos. Crer neste amor significa acreditar na misericórdia.⁴¹ Assim com “a força do amor, a Igreja há de servir os pobres, os doentes, os abandonados, os oprimidos. Deve estar presente nas prisões e em

³⁷ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 736, 742.

³⁸ PAGOLA, J. A., O caminho aberto por Jesus, p. 264.

³⁹ HAHN, S.; MITCH, C., O evangelho de São João, p. 87.

⁴⁰ AZEVEDO, A. L. E., A orelha direita de Malco com base no texto de João 18,10 e Levítico 8,24, p. 7.

⁴¹ DM 7.

todas as situações de sofrimento espiritual e corporal, até no caminho sombrio da morte”.⁴²

Ao renunciar voluntariamente à autodefesa, o cristão afirma sua adesão absoluta a Jesus e sua liberdade da tirania de seu próprio ego. A exclusividade dessa adesão é o único poder que pode vencer o mal... O sofrimento voluntariamente suportado é mais forte que o mal, e significa a morte para o mal.⁴³

Vale-nos a observação que Mateos e Barreto fazem de Jo 18,10-11 destacando que esse texto está inserido num contexto de uma ética da paz, portanto da não violência. Assim, Jesus demonstra que Deus é puro amor, sem ódio nem agressividade, e que não é capaz de usar as armas do poder. É o apelo que o Mestre faz a seus seguidores para renunciarem a toda violência, demonstrando a qualidade de nosso amor, mesmo que seja preciso dar a própria vida ou deixar que lhe tirem.⁴⁴

Essa amplitude do mandamento do amor é sem paralelo na história contemporânea, e o quarto evangelho tem toda a razão em fazer Jesus designar o mandamento do amor como novo mandamento (Jo 13,34). A moral popular da época excetuava o inimigo pessoal do dever do amor: Deves mostrar amor para com os teus compatriotas (Lv 19,18); apenas para com o teu adversário não estás obrigado a isto, e até mesmo proibia dar pão aos pecadores. Jesus, porém, exige dos seus discípulos que amem até mesmo os que lhes fazem injustiça e os perseguem, que orem por eles (Mt 5,43-44).⁴⁵

O deus do sistema opressor legitima e apoia a violência,⁴⁶ põe, sem peso na consciência, o seu poder a serviço do ódio e da matança. Jesus, pelo contrário, demonstra que o Deus verdadeiro (Jo 17,3) não recorre à dominação

⁴² RATZINGER, J., A Igreja e a Nova Europa, p. 40-41.

⁴³ BONHOEFFER, D., The cost of discipleship, p. 158-159.

⁴⁴ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 735-736.

⁴⁵ JEREMIAS, J., Teologia do Novo Testamento, p. 313-314.

⁴⁶ A Bíblia descreve sem ilusões o estado violento em que se acha a humanidade: as forças vitais e os poderes mortíferos se mantêm num equilíbrio provisório, do qual a ordem aparente é muitas vezes caricatura. A Bíblia revela também, e, sobretudo, que em Jesus Cristo, pode tornar-se realidade o ideal escatológico de um tempo em que a vida desabrochará sem violência (Is 11,6-9; Ap 21,4), (LÉON-DUFOUR, X., Violência, p. 1109).

e muito menos às armas.⁴⁷ Assim, “nas regiões onde falte a paz, a Igreja deve dar a força necessária à sobrevivência, e, irradiando a capacidade e a energia do perdão, despertar as forças para os recomeços. Só quem sabe perdoar pode construir e conservar a paz”.⁴⁸

Em toda a história da humanidade, tentou roubar de nós a paz, por isso, raramente, se presenciou totalidade de paz entre as nações. Também é fato que, para nós, cristãos, o Reino de Deus almejado por Jesus nunca se impõe pela violência, pois a religião não se implanta pela força, simplesmente porque entre a espada vingadora e o cálice do sofrimento, Jesus escolheu o cálice e triunfou, mas não pela espada, e sim pelo sacrifício e pela morte. Cristo envia-nos como cordeiros no meio de lobos (Mt 10,16) e seria traiçoeiro a sua causa adotarmos os costumes dos lobos. Portanto, os lobos geram instabilidade de paz, desordens econômicas e a confusão dos espíritos e todos esses sofrimentos podem até, temporariamente, ser aliviados por decretos, regras ou protocolos, mas isso é paliativo, pois os males desse tempo somente encontrarão cura pela reforma dos corações.⁴⁹

A saída é a luta por fazer o bem vencer o mal e Jesus apresenta-nos essa nova pedagogia, pedindo-nos que nos aproximemos dos mais pequeninos, que são as pessoas em geral e, assim, mostraremos a todos que toda pessoa humana em dificuldade e sofrimento se torna nosso próximo e que este próximo é, na verdade, o próprio Jesus em pessoa. Portanto, vale lembrar que amar as pessoas é amar a Jesus, é ajudar a construir a paz.⁵⁰

Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus. Os seguidores de Jesus foram chamados à paz. Quando ele os chamou, eles encontraram a paz, ele é a paz deles. Mas agora lhes dizem que não devem apenas ter paz, mas fazê-la. E, para esse fim, renunciam a toda violência e tumulto. Na causa de Cristo, nada se ganha com tais métodos. Seu reino é de paz e a saudação mútua de seu rebanho é uma saudação de paz. Seus discípulos mantêm a paz optando por suportar o sofrimento em vez de infligir-se aos outros. Eles mantêm companheirismo onde outros os separam. Eles renunciam a toda autoafirmação e sofrem silenciosamente diante do ódio e do mal. Ao fazê-lo, eles superaram o mal com o bem e estabelecem a paz de Deus no meio de um mundo de guerra e ódio. Mas em nenhum lugar essa paz será mais manifesta do que onde

⁴⁷ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 736.

⁴⁸ RATZINGER, J., A Igreja e a Nova Europa, p. 41.

⁴⁹ CHEVROT, G., Simão Pedro, p. 151.

⁵⁰ LÉON-DUFOUR, X., Agir segundo o Evangelho, p. 162.

eles encontram os iníquos em paz e estão prontos para sofrer em suas mãos. Os pacificadores levarão a cruz com o seu Senhor, pois foi na cruz que a paz foi feita. Agora que eles são parceiros na obra da reconciliação de Cristo, eles são chamados de filhos de Deus como ele é o Filho de Deus.⁵¹

Dessa maneira é possível entender que cristianismo não combina com violência, e que não há fórmulas ou soluções universais para resolver esta situação, ou melhor, a sua fórmula é a liberdade do amor de Deus, que nos chama em Jesus Cristo e mostra incessantemente o caminho construtivo da liberdade humana.⁵² Em meio a tantos questionamentos, vale mais um: é possível amar os inimigos, ou é possível viver o mandamento do amor, fomentando uma cultura de paz? Léon-Dufour responde que é possível sim, desde que a pessoa permita Deus reinar em seu coração, suscitando o amor “ágape”, pois só esse amor é capaz de ultrapassar as fronteiras humanas e mostrar que Deus vence o ódio.⁵³

Santo Olivério Plunkett, que foi primaz da Irlanda durante 12 anos, continua a ser exemplo notável do amor de Cristo por todos os homens. Como bispo pregou uma mensagem de perdão e de paz. Era, com efeito, o defensor dos oprimidos e o advogado da justiça, mas era incapaz de admitir a violência. Aos violentos repetia as mesmas palavras do Apóstolo Pedro: Não pagueis o mal com o mal (1Pd 3, 9). Mártir da fé selou com a morte a mensagem de reconciliação que pregara durante a vida. Não havia nenhum ódio no seu coração porque a força vinha-lhe do amor de Jesus, do amor do Bom Pastor que dá a vida pelas suas ovelhas. As suas últimas palavras foram de perdão para todos os seus inimigos.⁵⁴

4. Cristo é a nossa paz

Surpreendentemente, em 24 de janeiro de 2002, o papa João Paulo II foi a Assis, junto com os líderes mundiais das grandes religiões mundiais. O então cardeal Ratzinger participou desse encontro e relatou que, naquele momento, mesmo diante das diversas devastações que nos cercam, provocadas pelo ódio e violência, mesmo que às vezes tudo isso pareça invencível, nesse encontro percebeu-se a presença da força de Deus, da força da paz. Ressaltou que Deus

⁵¹ BONHOEFFER, D., *The cost of discipleship*, p. 127-128.

⁵² RATZINGER, J., *A Igreja e a Nova Europa*, p. 76.

⁵³ LÉON-DUFOUR, X., *Agir segundo o Evangelho*, p. 159.

⁵⁴ JOÃO PAULO II, PP., *Homilia durante a viagem apostólica à Irlanda*.

não nos põe uns contra os outros, pois Ele que é Uno, que é o Pai de todos, os ajudou ao menos por um momento a saltar as muralhas (Sl 18,30) da separação, fazendo-os reconhecer que Ele é a paz e que não podemos estar perto de Deus estando longe da paz.⁵⁵

Cristo é a nossa paz e, assim, é urgente derrubar as muralhas que nos separam e suprimir toda inimizade (Ef 2,4). Jesus não faz um apelo para si mesmo, mas somente para o homem. Mostra o quanto o Deus da paz é amor e que essa fonte de amor é que deve impulsionar a se doarem pelos outros. Toda nossa vida deve ser pautada por essa regra: a de expressar com obras o amor pelos outros.⁵⁶

Deste modo, o amor do próximo, radicado no amor de Deus, deve ser o nosso compromisso constante como indivíduos e como comunidade eclesial local e universal. Diz Santo Agostinho: É fundamental compreender que a plenitude da Lei, bem como de todas as Escrituras divinas, é o amor (...). Por isso quem julga ter compreendido as Escrituras, ou pelo menos uma parte qualquer delas, mas não se empenha em construir, através da sua inteligência, esse duplo amor de Deus e do próximo, demonstra que ainda não as compreendeu.⁵⁷

É preciso enxergar que há um Deus que nos ensina a observar que o amor brota da cruz, pois foi ali que se cumpriu a lei que ele mesmo estabeleceu, assim a cruz tornou-se o único poder no mundo que é capaz de provar que o amor sofrido pode vingar e vencer o mal, pois assim também mantém seus discípulos na comunhão de seus sofrimentos.⁵⁸ Hoje, infelizmente faltam defensores da paz, que se posicionem e levem a sério as palavras de Jesus, lutando por vivê-las sem controvérsias. Que indiquem que é necessário viver unidos a esse Deus cujo coração não é violento, mas cheio de compaixão e que para isso será preciso fé e graça.⁵⁹

Através da violência você pode matar um assassino, mas não pode matar o assassinato. Através da violência você pode matar um mentiroso, mas não pode estabelecer a verdade. Através da violência você pode matar

⁵⁵ RATZINGER, J., Ser cristão na era neopagã, p. 70.

⁵⁶ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 603.

⁵⁷ VD 103.

⁵⁸ BARRO, J. H., O cristão, a violência e o uso de armas.

⁵⁹ PAGOLA, J. A., Jesus, p. 316.

uma pessoa odienta, mas não pode matar o ódio. A escuridão não pode extinguir a escuridão. Só a luz pode.⁶⁰

É preciso acreditar e revestir-se do amor, pois só o amor é capaz de gerar paz. Esse mandamento realizou milagres na Igreja primitiva, como atesta Tertuliano, observando justamente que a prática do amor é o que, para alguns, nos marca a fogo mais do que qualquer outra coisa. Dizem de nós: Vede como se amam.⁶¹ São Francisco de Assis fez o caminho do amor e, por isso, tornou-se um ícone da paz. Ele entendeu onde estava a fonte do amor e respondeu com liberdade ao chamado de Cristo crucificado. Se nós iniciarmos o caminho da paz, a exemplo de São Francisco, não necessitaremos ficar com medo de perder a nossa identidade, pois é justamente aqui que a encontraremos. Se nós nos direcionarmos seriamente para a paz, andaremos no caminho certo, pois estaremos no caminho do Deus da paz (Rm 15,32), cujo semblante fez-se visível a nós cristãos mediante a fé em Jesus Cristo.⁶²

Ciente disso, lembra-nos ainda de que a fé (*pisteuô*)⁶³ e a graça (*charis*)⁶⁴ não são um estímulo à passividade, nem à indiferença ou à rendição covarde diante da injustiça, mas convida-nos, acima de tudo, a aprendermos a ser donos da situação, dando o primeiro passo e realizando gestos positivos de amizade que podem desconcertar o adversário.⁶⁵ Uma fé, que saiba que seu princípio é o Logos, parte do primado da liberdade, portanto, só o vínculo com o Logos garante a liberdade como princípio estruturante da realidade,⁶⁶ pois só chegaremos realmente a Cristo se chegarmos a sua paz e a sua justiça.⁶⁷

⁶⁰ BARRO, J. H., O cristão, a violência e o uso de armas.

⁶¹ CINTRA, L. F., Os primeiros cristãos, p. 37.

⁶² RATZINGER, J., Ser cristão na era neopagã, p. 72.

⁶³ Fé: Gr. *pisteuô*, crer, dar fé, dar/prestar adesão a alguém. O verbo *pisteuô* é característico de Jo não só por sua frequência (Jo 96 vezes; Mt 11; Mc 14; Lc 9), mas também pela peculiar construção com a prepos. “*eis*” (33 vezes). MATEOS, J.; BARRETO, J., Fé, p. 94).

⁶⁴ Amor: Gr. *charis*, amor gratuito e generoso, favor, graça, dom. O amor é designado em Jo com dois substantivos: *charis*, o amor gratuito e generoso que se traduz em dom, graça, e *agapê*, que neste evangelho significa o amor enquanto é entrega de si, praticamente sinônimo de *charis*. (MATEOS, J.; BARRETO, J., Amor, p. 22).

⁶⁵ PAGOLA, J. A., Jesus, p. 316.

⁶⁶ RATZINGER, J., A Igreja e a Nova Europa, p. 75.

⁶⁷ RATZINGER, J., Ser cristão na era neopagã, p. 71.

5. Escutar a Sagrada Escritura é ser testemunha da paz

Vale lembrar que existe uma relação estreita entre o testemunho da Palavra de Deus, que é o atestado que a Sagrada Escritura dá de si mesma, e o testemunho de vida dos cristãos. Portanto, é o testemunho cristão que comunica a Palavra atestada nas Escrituras e, por sua vez, é a Palavra de Deus que explica o testemunho de vida dos cristãos, mostrando a eficácia das Escrituras nos que a acolhem.⁶⁸ Lembremo-nos do testemunho de amor do “bispo africano Félix que, intimidado por entregar os livros sagrados, responde: Prefiro ser queimado a deixar queimar as Sagradas Escrituras”.⁶⁹ Importante ressaltar que o sofrimento e o martírio para os cristãos é um heroísmo de fé. Nunca tirar a vida, mas se preciso for dar a própria vida. “Tornai-vos, pois, imitadores de Deus, como filhos amados e andai em amor como Cristo vos amou e se entregou por vós” (Ef 5,1). Portanto, seguir a Cristo significa amar como Deus amou.⁷⁰

A doutrina contida nos Evangelhos não é, pois, algo que serve somente para a erudição ou como tema de conversa, mas que deve ser encarnada pelos batizados, tendo a imitação de Cristo por baliza dessa transformação de vida: Apressemos-nos, corramos, pois somos retratos do Logos, retratos dos que a Deus amam e a Ele se assemelham, dirá Clemente de Alexandria.⁷¹

O Deus da Sagrada Escritura fala. “Ouve, meu povo, deixa-me falar” (Sl 50,7), e esse é o diferencial, pois os ídolos “têm boca e não falam” (Sl 115,5).⁷² Nesse sentido, é necessário considerar o seu imenso amor comunicativo, pois, se quer conhecê-lo, em nenhum lugar o encontrará expresso mais claramente do que no Evangelho. Ninguém jamais ouviu alguém manifestar sentimentos mais fortes e mais ternos do que estes: “Assim como o meu Pai me amou, também Eu vos amei” (Jo 14,9).⁷³

Os princípios do Evangelho provocam a mais completa renovação numa sociedade dura, fria e rígida como a do Império Romano. A lei absoluta do amor que Cristo ensinou é a que transforma as relações dos homens e

⁶⁸ VD 97.

⁶⁹ CINTRA, L. F., Os primeiros cristãos, p. 15.

⁷⁰ RATZINGER, J., Dogma e Anúncio, p. 126-127.

⁷¹ CINTRA, L. F., Os primeiros cristãos, p. 35.

⁷² CANTALAMESSA, R., O mistério da Palavra de Deus, p. 11.

⁷³ BENTO XVI, PP., Santas e Beatas, p. 25.

faz do Cristianismo, que em nada é uma filosofia ou programa socioeconômico, o mais ativo dos fermentos sociais no mundo antigo.⁷⁴

No ponto de vista da comunicação, o evangelho joanino tem muito a ver com a intenção de restaurar a fé dos cristãos, de proporcionar vitalidade. Intenciona fazer-nos passar de uma fé enfraquecida, morta e abalada para uma fé consolidada e bem formulada, devendo hoje despertar em nós caminhos de superação da violência, em busca de uma cultura de paz, em que se possa amar e sorrir.⁷⁵ Isso ocorrerá se estivermos abertos à conversão, que nada mais é que rejeitar as ameaças de uma religiosidade farisaica, dominada por um agir religioso muito pessoal, e em significativa medida carregado de ganâncias, para entrar no modo de agir e de ser próprios de Cristo. É o conformar-se a Jesus, fazer as escolhas que Ele fez e ter discernimento, nos dias que virão, de fazer as escolhas dele.⁷⁶

São Francisco entendeu que precisava viver de acordo com o Evangelho, quando disse ter recebido uma revelação divina que mudou os rumos de sua vida (Lc 9,2-3), por isso desejou fazer de sua vida um retorno simples e radical ao Evangelho, aquele vivido e pregado por Jesus, e isso significava, para ele, restaurar no mundo a maneira e o estilo de Jesus e dos apóstolos. Francisco de Assis não teorizou essa sua descoberta para a reforma da Igreja, pois quis realizar em si a reforma e assim indicou à Igreja o único caminho para sair da crise: reaproximar-se do Evangelho, reaproximar-se dos homens, em especial dos humildes e pobres.⁷⁷

A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. [...]O Evangelho, em que resplandece gloriosa a Cruz de Cristo, convida insistentemente à alegria. Reconheço que a alegria não se vive da mesma maneira em todas as etapas e circunstâncias da vida, por vezes muito duras. Adaptar-se e transformar-se, mas sempre permanecer pelo menos como um feixe de luz que nasce da certeza pessoal de, não obstante o contrário, sermos infinitamente amados.⁷⁸

⁷⁴ CINTRA, L. F., Os primeiros cristãos, p. 39.

⁷⁵ MARGUERAT, D., Novo Testamento, p. 461.

⁷⁶ MARTINI, C. M., Viver os valores do Evangelho, p. 129.

⁷⁷ CANTALAMESSA, R., Apaixonado por Cristo, p. 31-33.

⁷⁸ EG 1.5-6.

Conclusão

É bem verdade que a vida oferece, diariamente, oportunidades para que possamos ser melhores, pena que muitas pessoas não percebam ou não queiram isso. Infelizmente, tantas pessoas preferem virar as costas às oportunidades do bem e, assim, terrivelmente, a violência ganhará espaço e tornar-se-á alavanca da história humana, porque, lamentavelmente, não há mudanças profundas que, de fato, não tenham sido marcadas por guerras, revoluções e sangue. Na vida de Jesus não foi diferente, ainda que tenha rogado o amor em todas as situações, teve que enfrentar a violência e uma morte também sangrenta. E mostrou o seu amor por nós até a ponto de dar sua própria vida, deu-nos sinais de que a violência não vence, pois a sua ressurreição é prova de que o amor é vitorioso. Ganhou para nós a eternidade à custa da sua própria vida, experimentou da violência sem a ter defendido ou aprovado e, assim, apresentou-nos um caminho diferente e mostrou que, através dele, também se chega à glória eterna.

Deu-nos o seu amor, pois no seu amor-misericordioso propôs refundir a criação, como se refaz uma estátua corroída e deformada pelo tempo, quis tirar daí uma nova, usando de suas linhas originais reconduzidas à luz do amor de Deus. Para que essa criação fosse real e pudesse constatar uma nova humanidade, estabeleceu uma nova Cabeça, ou um novo Adão, seu próprio Filho Jesus Cristo. Tirou-o da carne da Virgem Maria como no princípio tirara Adão da virgem terra e, pela força do Espírito Santo, marcou o início de uma nova fase da história da salvação.

Aqui está o segredo para a Igreja: nós devemos redescobrir essa nova fase, devemos novamente comunicar-nos entre nós através da mesma linguagem do Espírito Santo, que é a linguagem do Amor que quer ser derramado nos corações.

Sendo assim, é válido recordar que nada é irreversível e definitivo enquanto estamos nesta vida, ou melhor, de irreversível, existe só a promessa de Deus, pois, por enquanto, a liberdade do homem não faz mais do que cambalear, já que, cada vez que o ódio envenena o ser humano e lança neste sua fria mensagem de violência e morte, gera-se a sangrenta cultura das guerras-bombas. Assim, nos tornamos testemunhas aterrorizadas de uma infeliz cultura da violência e percebemos o triste fim dos que escolhem esse caminho: “Exalam o espírito e voltam a terra e, no mesmo dia, perecem seus planos” (Sl 146,4).

O único caminho certo é o proposto por Jesus: “Que vos ameis uns aos outros assim como eu vos amei” (Jo 13,34). Que o Senhor nos conceda a graça de acolhermos a essência de seu Amor, pois quando falta o amor-caridade, nada

presta e nada serve. Só o amor-caridade nos aproxima de Deus, como dizia São Paulo: “E, ainda que distribuísse todos os meus bens para o sustento dos pobres e entregasse meu corpo para ser queimado, se não tivesse caridade, nada me aproveitaria” (1Cor 13,3).

Referências bibliográficas

ADRIANO, J. A violência estrutural como causa próxima do sofrimento humano. **Cultura Teológica**, n. 13, p. 105-113, 1995. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/14245-39272-1-PB.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2020. DOI: <https://doi.org/10.19176/rct.v0i13.14245>

AZEVEDO, A. L. E. A orelha direita de Malco com base no texto de João 18,10 e Levítico 8,24. **REVELETEO**, v. 13, n. 23, p. 6-12, jan./jun. 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/42367-124854-2-PB.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2020. DOI: <https://doi.org/10.23925/2177-952X.2019v13i23p6-12>

BARRO, J. H. O cristão, a violência e o uso de armas. **Revista Ultimato online**, edição 378, 2019. Disponível em: <<http://ultimato.com.br/sites/blogdaultimato/2019/07/10/ult378/>> Acesso em: 13 out. 2020.

BEN-CHORIN, S. **Hermano Jesús**. El Nazareno desde una perspectiva judia. Barcelona: Ediciones Riopedras, 2003.

BENTO XVI, PP. **Exortação Apostólica Pós-sinodal *Verbum Domini* sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2010.

BENTO XVI, PP. **Quaresma e Páscoa**. Lisboa: Paulus, 2013.

BENTO XVI, PP. **Santas e Beatas: figuras femininas da Idade Média**. Lisboa: Paulus, 2012.

BEUTLER, J. **Evangelho segundo João: comentário**. São Paulo: Loyola, 2015.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 5. impr. São Paulo: Paulus, 2008.

BONHOEFFER, D. **The cost os discipleship**. New York: MacMilillan Publishing co., 1979.

BROWN, R. E. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2012.

CANTALAMESSA, R. **Apaixonado por Cristo**. O segredo de Francisco de Assis. São Paulo: Fons Sapientiae, 2019.

CANTALAMESSA, R. **O mistério da Palavra de Deus**. São Paulo: Editora Canção Nova, 2011.

CHEVROT, G. **Simão Pedro**. São Paulo: Quadrante, 1990.

CINTRA, L. F. **Os primeiros cristãos**. São Paulo: Quadrante, 1991.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição pastoral *Gaudium et Spes*. In: COMPÊNDIO DO VATICANO II. **Constituições, Decretos, Declarações**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CRISÓSTOMO. **O esplendor cristão**. Rio de Janeiro: Fundação São João Crisóstomo e Ação Carismática Cristã, 1978. v.1.

DUNN, J. D. G. **Jesus, Paulo e os evangelhos**. Petrópolis: Vozes, 2017.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*** sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus / Loyola, 2013.

FRANCISCO, PP. ***Misericordiae Vultus*** - Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. Brasília: Edições CNBB, 2015.

GARCÍA PEREZ, J. M. **La pasión de Cristo**. Uma lectura original. Madrid: Ediciones Encuentro, 2019.

HAHN, S.; MITCH, C. **O evangelho de São João**: Cadernos de estudo bíblico. Campinas: Ecclesiae, 2015.

JEREMIAS, J. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta encíclica *Dives in misericórdia* sobre a Misericórdia Divina**. São Paulo: Paulinas, 2005.

JOÃO PAULO II, PP. **Homilia durante a viagem apostólica à Irlanda**, 29 set. 1979. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1979/documents/hf_jp-ii_hom_19790929_irlanda-dublino-drogheda.html>. Acesso em: 12 jul. 2020.

LÉON-DUFOUR, X. **Agir segundo o Evangelho**: Palavra de Deus. Petrópolis: Vozes, 2003.

LÉON-DUFOUR, X. Violência. In: DUPLACY, J.; GEORGE, A.; GRELOT, P.; GUILLET, J.; LACAN, M. **Vocabulário de Teologia Bíblica**. Petrópolis: Vozes, 2013.

MALZONI, C. V. **Evangelho segundo João**. São Paulo: Paulinas, 2018.

MARGUERAT, D. **Novo Testamento: história, escritura e teologia.** São Paulo: Loyola, 2015.

MARTINI, C. M. **Viver os valores do Evangelho.** São Paulo: Paulinas, 1997.

MATEOS, J.; BARRETO, J. **O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético.** São Paulo: Paulus, 1999.

MATEOS, J.; BARRETO, J. Fé. In: HURTADO, E.; URBAN, A.; RIUS-CAMPS, J. (Eds). **Vocabulário teológico do Evangelho de João.** São Paulo: Paulus, 2005. p. 94.

MATEOS, J.; BARRETO, J. Amor. In: HURTADO, E.; URBAN, A.; RIUS-CAMPS, J. (Eds). **Vocabulário teológico do Evangelho de João.** São Paulo: Paulus, 2005. p. 22.

PAGOLA, J. A. **Jesus: aproximação histórica.** Petrópolis: Vozes, 2011.

PAGOLA, J. A. **O caminho aberto por Jesus: João.** Petrópolis: Vozes, 2013.

PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. **Compêndio de doutrina social da Igreja.** São Paulo: Paulinas, 2005.

RATZINGER, J. **A Igreja e a Nova Europa.** Lisboa: Editorial Verbo, 2005.

RATZINGER, J. **Dogma e Anúncio.** São Paulo: Edições Loyola, 2007.

RATZINGER, J. **Ser cristão na era neopagã.** Discursos e Homilias (2000-2004) e Debates (1993-2000). Campinas: Editora Ecclesiae, 2015. v.II.

SILVA, A. J. O que Jesus quis dizer em Jo 18,11? (2018). **aBíblia.org.** Disponível em: <<https://www.abiblia.org/ver.php?id=10225>> Acesso em 13 out. 2020.

SCHNELLE, U. **Teologia do Novo Testamento.** Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2017.

Tarlei Navarro

Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo / SP – Brasil
E-mail: pe.tarleinavarro@gmail.com

Recebido em: 29/07/2020
Aprovado em: 11/12/2020